



AS NOVAS ESPACIALIDADES NO BRASIL: ECONOMIA CRIATIVA

Tauana Apolo Ferreira ¹
Giovana Mendes de Oliveira ²

RESUMO

A Economia Criativa é baseada no emprego de capital criativo, com potencial de gerar crescimento socioeconômico, considerando a importância da cultura, inovação e tecnologia, que surge após transformações econômicas que alteraram padrões de consumo, esgotando o modelo fordista e dando início a era da informática, no período chamado de Nova Economia. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar a distribuição da Economia Criativa desta nova face da economia capitalista no período de 2019 no Brasil. O processo metodológico utilizado foi uma pesquisa quantitativa baseada na frequência de dados e de cunho descritivo, através da identificação de famílias e ocupações criativas no site da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), empregando como base a classificação efetuada na UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), publicado no Relatório de Economia Criativa 2010, utilizando a escala nacional, suas Unidades Federativas e respectivas capitais. Foi efetuada também uma pesquisa no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), com intuito de conhecimento dos números de habitantes dos territórios, possibilitando relacionar esses dados com a quantidade de profissionais criativos. Como resultado, temos a distribuição dos profissionais criativos em cada um desses territórios, identificando a predominância de profissionais por estado e a quantidade total e proporcional em relação à população do Brasil, seus estados e capitais. Constatou-se a Economia Criativa presente significativamente nos mais populosos estados e capitais do país, indicando aglomerações criativas, desigualdades territoriais e problemas na coesão social, onde determinados territórios tendem a ficar em desvantagem no desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: Nova economia, Economia criativa, Profissionais criativos, Desigualdades territoriais.

ABSTRACT

The Creative Economy is based on the use of creative capital, with the potential to generate socioeconomic growth, considering the importance of culture, innovation and technology, which arises after economic transformations that changed consumption patterns, depleting the Fordist model and ushering in the era of information technology, in the period called the New Economy. The objective of the research is to identify and analyze the distribution of the Creative Economy of this new face of the capitalist economy in the period of 2019 in Brazil. The methodological process used was a quantitative research based on data frequency and descriptive nature, through the identification of families and creative occupations on the RAIS (Annual Social Information List) website, using as a basis the classification made in the UNCTAD (United Nations

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, tauana_apolo@hotmail.com;

² Professora Doutora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas- UFPEL, geoliveira.ufpel@gmail.com.



Conference on Trade and Development), published in the Creative Economy Report 2010, using the national scale, its Federative Units and their capitals. A survey was also carried out on the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2019), in order to know the numbers of inhabitants of the territories, making it possible to relate these data with the number of creative professionals. As a result, we have the distribution of creative professionals in each of these territories, identifying the predominance of professionals by state and the total and proportional amount in relation to the population of Brazil, its states and capitals. Checked the Creative Economy was significantly present in the most populous states and capitals of the country, indicating creative agglomerations, territorial inequalities and problems in social cohesion, where certain territories tend to be at a disadvantage in economic development.

Keywords: New economy, Creative economy, Creative professionals, Territorial inequalities.

INTRODUÇÃO

As modificações na economia após a década de 70, com novos modelos na forma de produção, mudanças sociais e econômicas, ocorreram alterando os padrões de consumo, esgotando o modelo fordista e dando início a era da informática. Dessa forma, a sociedade anterior que era centrada no trabalho industrial teve que se readaptar e atender a outras necessidades para a economia e as cidades possuíram novos desafios para o seu desenvolvimento.

Com a evolução dos sistemas econômicos acentuou-se a presença da ciência e da tecnologia na sociedade do conhecimento. E essas transformações que vem ocorrendo no processo produtivo levaram há uma profunda remodelação na organização da atividade econômica, descrita na literatura econômica recente como passagem da produção de massa uniformizada a produção flexível (CASTELLS, 1992) e descrito como Nova Economia.

A abordagem desse período econômico inclui capitalismo do aprendizado, conhecimento e inovação e, diversos autores trabalham nessa análise como Rullani que explana o Capitalismo cognitivo como uma teoria centrada nas mudanças socioeconômicas provocadas pelas tecnologias da internet, sendo um conhecimento intangível e necessário para inovações e outros autores, como Lundwall que discute a economia do conhecimento e inovação e Dupas a sociedade da informação.

A globalização, as novas tecnologias de comunicação e informação e as novas formas na organização do trabalho vêm alterando o mundo do trabalho e exigindo dos trabalhadores novas competências para o exercício de suas profissões (IBGE, 2019). Segundo Reis e Kageyama (2008), a convergência de tecnologias, a globalização e a



insatisfação com o atual quadro socioeconômico mundial ofertou a criatividade oportunidade de motivar e embasar modelos novos de negócios, processos organizacionais e uma arquitetura institucional que anima setores e agentes econômicos e sociais.

Colbari (2013) afirma que nos espaços mais globalizados, sobressaem à diversidade econômica e cultural, com diferentes produções, reproduções e em diferentes níveis, locais e globais e debate as posições dos sujeitos locais que tem uma demanda maior de competências. Sobre essa questão, Storper (2005) já apontava a relevância do Face a Face, falando de uma necessidade de aglomeração pelo mercado, da especialização e em função da aprendizagem e da informação para gerar inovação. Colocando que nessa economia a centralidade é nas pessoas, nas suas capacidades e suas conexões com outras pessoas aliado a movimentação das cidades gerando o “burburinho”.

A Economia Criativa aparece nesse período e tem obtido notoriedade ao longo do seu surgimento, é um conceito baseado no potencial de gerar crescimento socioeconômico através do capital intelectual criativo, abrangendo aspectos culturais, econômicos e sociais. Enquanto alguns destacam que todas as profissões que utilizem a criatividade podem se considerar do setor (FLÓRIDA, 2011), outros as especificam, sendo o foco das discussões de instituições internacionais como a UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

As Nações Unidas, por meio da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento), PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e da UNESCO (Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura) reconhecem a importância do desenvolvimento do meio urbano ordenado pela criatividade e incorporaram em seus discursos e políticas relacionadas à Economia Criativa, considerando um eixo estratégico de desenvolvimento para diversos países. Com isso, foi produzido um relatório na UNCTAD classificando os setores criativos em nove áreas discriminadas em quatro categorias: Patrimônio (Sítios Culturais e Manifestações Tradicionais), Artes (Artes Visuais e Artes Performáticas), Mídias (Audiovisual e Publicações e Mídias Impressas) e Criações Funcionais (Design, Serviços Criativos e Novas Mídias).

Vejamos a seguir:

Figura 1- Classificação da UNCTAD para Indústrias Criativas



Fonte: UNCTAD 2010

Uma ponderação oportuna a se deixar claro é que ao mesmo tempo, que surgem novas profissões, outras que compõem este setor existem há um bom tempo, o uso da criatividade não é algo novo, mas a valorização através de uma nova visão de mundo dá um novo significado a elas. Na atualidade, onde temos a tecnologia substituindo o trabalho humano, o que nos diferencia da máquina é a capacidade de pensarmos, de sermos criativos e termos emoção, onde profissões que se utilizam dela ganham cada vez mais espaço.

No Relatório de Economia Criativa (2010, p.xxv), foi citado que as individualidades devem ser consideradas no planejamento de desenvolvimento, olhando para o local com suas especificidades e identidades.

“Cada país é diferente, cada mercado é especial e cada produto criativo possui seu esplendor e cada produto criativo possui seu esplendor e toques específicos. Não obstante, cada país pode ser capaz de identificar indústrias criativas- chave que ainda não tenham sido exploradas totalmente, de forma a colher os benefícios do desenvolvimento. Não existe uma solução única que resolva todos os problemas; cada país deve formular uma estratégia viável para promover sua economia criativa, com base em seus próprios pontos fortes, pontos fracos e realidades.”



Veremos neste estudo se essas individualidades cumpre-se na prática, Flórida (2020) aponta que a Classe Criativa tende a se concentrar em cidades que apresentam Tecnologia, Talento e Tolerância, levando a grande maioria residir não só em metrópoles, como mega regiões, pois a criatividade e a mente aberta são importantes para o desenvolvimento econômico, mas é necessário descentralizar para o bem estar social e evolução de outras regiões.

Para centros menores é importante fazer um contraponto quando falamos em desenvolvimento local, a globalização frente às atividades culturais, pode acabar influenciando na perda da identidade de um determinado lugar, o que pode refletir negativamente, pois suas especificidades podem ser seus maiores atrativos.

Existem diversos fatores que influenciam no progresso de determinado território, conforme as condições culturais e sociais, além das políticas públicas, as atividades baseadas em conhecimento e criatividade prosperam melhor em algumas regiões. Mas não se desenvolve uniformemente em todos, pois “[...] os capitais são investidos nos espaços geográficos que apresentam maior taxa de retorno” (HERSCOVICI, 2015, p. 134), o que torna o desenvolvimento desigual mesmo que obtenham características em comum.

Segundo Oliveira (2021, p.3) “se esse processo elege alguns centros, pode-se esperar que as desigualdades territoriais se acentuem, prejudicando a coesão social” indicando que é preocupante em países centrais e mais ainda dentro das realidades dos países semiperiféricos, abordando a necessidade sobre estudos da nova economia nesses países, por já enfrentarem questões sociais e territoriais ao longo da história.

Partindo dessa análise, percebemos as desigualdades das cidades e de seus desenvolvimentos sob uma ótica econômica, pois se a inovação se concentra nas maiores cidades, automaticamente as transformam em forças econômicas e cidades especializadas e competitivas. E através de uma série de justificativas para que isso ocorra, as cidades menores tendem a estar longe desse processo, ainda que possam ser especializadas em algum estabelecido setor.

Este contexto aponta que existe um problema de desenvolvimento regional no Brasil, designando pertinência em conhecer onde estão os novos empregos e saber a distribuição desses profissionais, englobando essencialmente neste estudo, os criativos. Além disso, é relevante pontuar problemas e alternativas para melhorar a economia do



país como um todo, pois se alguns autores destacam as aglomerações nas metrópoles de alguns setores, é importante agregar conhecimento também sobre a Economia Criativa.

O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar a distribuição da Economia Criativa no Brasil no ano de 2019 contribuindo com o entendimento da Geografia desta nova face da economia capitalista.

METODOLOGIA

Este trabalho foi concebido a partir de uma pesquisa quantitativa, baseada na frequência de dados e de cunho descritivo, buscando identificar a distribuição dos trabalhadores em Economia Criativa no Brasil no ano de 2019 através do site da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), que é um importante instrumento de coleta de dados e fonte de informações sobre o mercado de trabalho formal brasileiro e a declaração é obrigatória a todos os estabelecimentos cadastrados com CNPJ, com ou sem empregados, pessoas jurídicas de direito privado, empresas individuais, empregadores, cartórios extrajudiciais e consórcios de empresas, empregadores rurais e urbanos pessoas físicas que mantiveram empregados no ano-base, órgãos de administração dos governos municipal, estadual e federal e qualquer entidade vinculada à pessoa jurídica mesmo que domiciliada no exterior.

O ano escolhido para análise foi 2019, pois o ano de 2020 foi atípico devido à crise sanitária e econômica consequente do Covid-19, que instaurou uma recessão global e mesmo que alguns setores criativos tenham prosperado, como o cultural através de plataformas de streaming, por exemplo, outros foram fortemente atingidos, indicando que o mais adequado seria um estudo único deste período irregular.

A fim de alcançar resultados satisfatórios, no site da RAIS foi selecionado RAIS Vínculo, consultas personalizadas com tabelas e ano recorrente a 2002, englobando Ano igual a 2019 e todos os vínculos ativos. Posteriormente sinalada a opção Ocupacional, marcando: CBO 2002 Família e subgrupo CBO Ocupação.

A definição da UNESCO para Economia Criativa foi empregada como base para a seleção das famílias e ocupações específicas, associando-as pertinentemente à Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que é um documento que expõe e organiza as ocupações segundo características referentes à natureza da força do trabalho (funções, tarefas e obrigações que tipificam a ocupação) e ao conteúdo do trabalho (conjunto de



conhecimentos, habilidades, atributos pessoais e outros requisitos exigidos para o exercício da ocupação), possibilitando assim, identificar as criativas.

Na estrutura das tabelas a partir dessa definição fixa, foram selecionados todos os estados e suas capitais individualmente, obtendo o número de profissionais em cada um deles na sua totalidade e também por cada ocupação e família proposto.

Além de tabelas convertidas para Excel e fazer a sistematização para uma leitura eficiente dessas estatísticas e materiais, apresentadas no trabalho em formato de quadros, também foi produzido um mapa da distribuição dos profissionais criativos por estado e região, apresentado na sequência do trabalho, gerado pela RAIS.

Outro processo importante utilizado foi uma pesquisa no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com intuito de conhecimento dos números de habitantes, chegando ao resultado de uma tabela disponível no site do mesmo, de População residente enviada ao Tribunal de Contas da União, contando com Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação, possibilitando relacionar esses dados com o número de profissionais criativos presentes em cada um fazendo uma análise mais completa dos apontamentos do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas na RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) 36 Famílias, são elas: Arquitetos, Arquivologistas e Museólogos, Artesãos de Metais Preciosos e semi-preciosos, Artesãos, Atores, Cenógrafos, Ceramistas, Chefes de cozinha e afins, Churrasqueiros, Pizzaiolos e Sushimen, Cinegrafistas, Confeccionadores de artefatos de madeira, Coreógrafos e bailarinas, Cozinheiros, Desenhistas industriais (Designers, escultores e pintores), Desenhistas Projetistas de construção civil e arquitetura, Designer de interiores de nível superior, Designer de interiores, vitrines e visual merchand, Diretores de espetáculo, Diretores de marketing, Comercialização e vendas, Diretores de pesquisa e desenvolvimento, Diretores de serviços de informática, Especialistas em editoração, Joalheiros e lapidadores de gemas, Músicos compositores, Arranjadores, Regentes e Musicólogos, Músicos intérpretes, Palhaços, Acrobatas e afins, Padeiros, Confeiteiros e afins, Produtores de espetáculos, Professores de música, artes e drama do ensino superior, Profissionais da escrita, Profissionais de relações públicas, publicidade e mercado, Técnicos em arte gráfica, Técnicos em museologia e afins, Trabalhadores



artesanais confecção de roupas, Trabalhadores artesanais de confecção de calçados e Trabalhadores artesanais de produtos de papel e papelaria.

Nas Ocupações específicas na RAIS foram detectadas 62, são elas: Acrobata, Agente publicitário, Arquiteto edificações, Arquiteto interiores, Arquiteto paisagista, Arquiteto patrimônio, Arquiteto urbanista, Artesão bordador, Artesão ceramista, Artesão com material reciclável, Artesão confeccionar de bijóias e ecojóias, Artesão couro, Artesão crocheteiro, Artesão escultor, Artesão modelador de vidros, Artesão moveleiro (exceto reciclável), Artesão rendeiro, Artesão tecelão, Artesão trançador, Artesão tricoteiro, Artista (artes visuais), Artista aéreo, Artista de circo (outros), Ator, Bailarino (exceto danças populares), Cenógrafo Carnavalesco e festas populares, Cenógrafo de cinema, Cenógrafo de eventos, Cenógrafo de teatro, Cenógrafo de TV, Ceramista, Chefe de bar, Chefe de confeitaria, Chefe de cozinha, Churrasqueiro, Compositor, Confeiteiro, Contorcionista, Crocheteiro a mão, Coreógrafo, Dançarino popular, Dançarino tradicional, Decorador de cerâmica, Decorador de eventos, Decorador de interiores de nível superior, Desenhista industrial de produto de moda (designer de moda), Desenhista industrial gráfico (designer gráfico), Designer de interiores, Designer educacional, Designer vitrines, Escritor de /ficção, Fotógrafo, Fotografo publicitário, Malabarista, Músico arranjador, Músico interprete cantor, Músico interprete instrumentista, Músico regente, Palhaço, Pizzaiolo, Programador Multimídia e Programador Visual gráfico.

Conforme os dados obtidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2019), no Brasil os estados que destacam-se em quantidade formal de Economia Criativa são: São Paulo (32,61%), Minas Gerais (10,25%), Rio de Janeiro (8,51%), a seguir, Santa Catarina e o Paraná que aproximam-se nas estatísticas, com respectivamente, 7,38% e 7,36% e Rio Grande do Sul (6,45%), os demais vinte e um estados não alcançam o índice de 4% em cada de população criativa. Em sentido oposto, outros chamam atenção pela quantidade extremamente baixa com menos de 1%, caso do Amapá (0,14%), Roraima (0,16%), Acre (0,19%), Tocantins (0,46%), Rondônia (0,58%), Alagoas (0,61%), Mato Grosso do Sul (0,90%) e Piauí (0,99%).

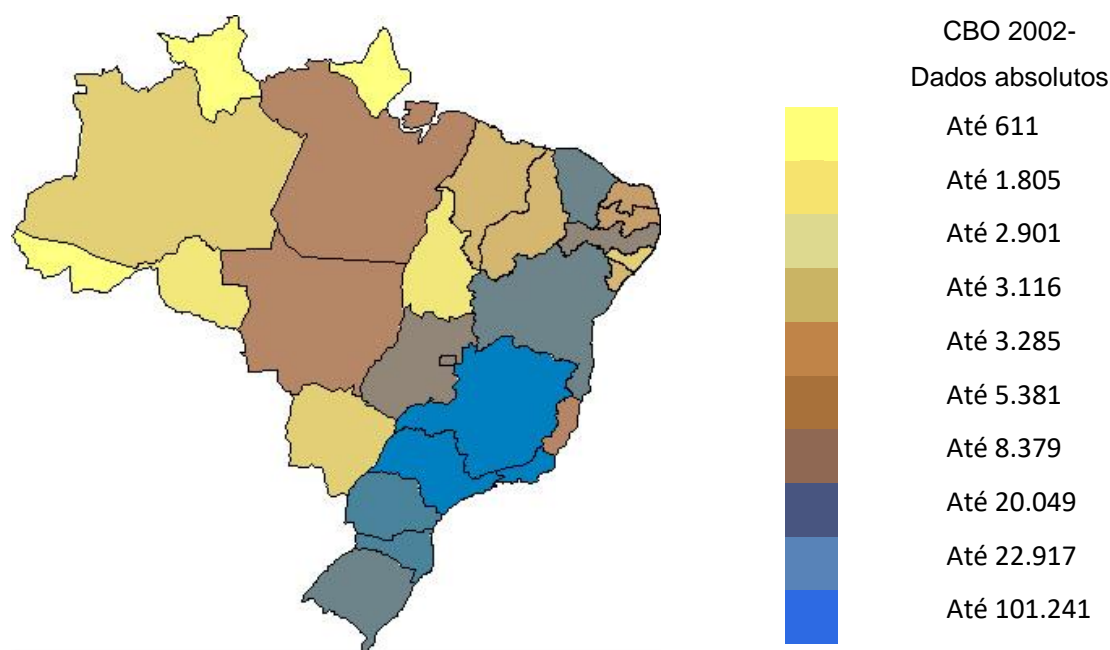
Os profissionais criativos difundem-se nas regiões do Brasil da seguinte forma: Região Sudeste (164.883), Sul (65.832), Nordeste (46.484), Centro-Oeste (21.617) e por último, Norte (11.572), somando 310.388 profissionais, o que corresponde a 14,77% da população estimada em 210.147.125, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e



Estatística (IBGE, 2019). Destes a investigação revelou que 157.278 estão localizados em aglomerações urbanas e 153.110 no interior do país.

Veremos a seguir o mapa da distribuição dos profissionais criativos nas Unidades Federativas do Brasil no ano de 2019.

Figura 2- Mapa Distribuição de Economia Criativa no Brasil



Fonte: RAIS 2019

Avaliando as capitais do território brasileiro, os dados da RAIS apontam que maior parte da economia criativa concentram-se em São Paulo (34,77%), Rio de Janeiro (13,85%) e Belo Horizonte (6,88%), que estão entre os municípios mais populosos do país, salientando São Paulo no topo da hierarquia e somando juntas 68.329 profissionais, visto que outras capitais acrescem 54.771 trabalhadores.

Esses municípios situam-se nos estados com maior parcela de profissionais de Economia Criativa, São Paulo (101.241), seguido por Minas Gerais (31.844) e Rio de Janeiro (26.417), que junto com Espírito Santo constituem o Sudoeste, região com população numerosa composta de 88.371.433 habitantes, distribuindo-se da seguinte maneira nestes estados: São Paulo 45.919.049, Minas Gerais 21.168.791, Rio de Janeiro 17.264.943.



Vejam os a seguir o quadro apresentando a relação do número de habitantes de cada Unidade Federativa do Brasil com o número de profissionais criativos e o quanto representam em relação a população do país e do respectivo estado.

Quadro 1- Quantidade de população e distribuição de profissionais criativos no Brasil

Estado	População	Total de profissionais criativos	% em relação à população total do país	% em relação à população do respectivo estado
Acre	881.935	611	0,19%	6,92%
Alagoas	3.337.357	1.918	0,61%	5,74%
Amapá	845.731	442	0,14%	5,22%
Amazonas	4.144.597	2.901	0,93%	6,99%
Bahia	14.873.064	11.644	3,75%	7,82%
Ceará	9.132.078	10.201	3,28%	11,17%
Distrito Federal	3.015.268	6.511	2,09%	21,59%
Espírito Santo	4.018.650	5.381	1,73%	13,39%
Goiás	7.018.354	8.379	2,69%	11,93%
Maranhão	7.075.181	2.941	0,94%	4,15%
Mato Grosso	3.484.466	3.923	1,26%	11,25%
Mato Grosso do Sul	2.778.986	2.804	0,90%	10,09%
Minas Gerais	21.168.791	31.844	10,25%	15,04%
Pará	8.602.865	3.850	1,24%	4,47%
Paraíba	4.018.127	3.169	1,02%	7,88%
Paraná	11.433.957	22.866	7,36%	19,99%
Pernambuco	9.557.071	7.109	2,29%	7,43%
Piauí	3.273.227	3.101	0,99%	9,47%
Rio de Janeiro	17.264.943	26.417	8,51%	15,30%
Rio Grande do Norte	3.506.853	3.285	1,05%	9,36%
Rio Grande do Sul	11.377.239	20.049	6,45%	17,62%
Rondônia	1.777.225	1.805	0,58%	10,15%
Roraima	605.761	507	0,16%	8,36%
Santa Catarina	7.164.788	22.917	7,38%	31,98%
São Paulo	45.919.049	101.241	32,61%	22,04%
Sergipe	2.298.696	3.116	1,00%	13,55%
Tocantins	1.572.866	1.456	0,46%	9,25%

Fonte: RAIS e IBGE, 2019.

Com essas informações, existem indicativos que a composição dessas ocupações criativas tem sido proporcional aos números de habitantes e o estado de São Paulo e sua capital, figurando como grande metrópole nacional, com população de 11.253.503, segundo último Censo Demográfico (2010), é a capital com mais ocupações criativas do Brasil, com 42.805 trabalhadores, o que corresponde sozinha a 2,03% da população e a 34,77% deste âmbito a nível nacional.

Dos três estados do Sudeste, Minas Gerais surpreende pela predominância dos profissionais encontrarem-se no interior e região metropolitana, contrariamente de outras



Unidades Federativas analisadas. Porém assemelha-se com o Rio de Janeiro em presença do setor criativo proporcional a população, Minas Gerais apresenta 15,04% e Rio de Janeiro 15,30% de seus habitantes trabalhando com criatividade.

Com superioridade de atividades criativas também estão os estados do Sul do país, neles a distribuição de Economia Criativa mantém a seguinte ordem: Santa Catarina (22.917), Paraná (22.866) e Rio Grande do Sul (20.049), referente a 7,38%, 7,36% e 6,45% do total de habitantes do Brasil. E identifica-se uniformidade estatística na distribuição por estado desses profissionais, porém ao contrário do Sudeste, não está proporcional ao número de habitantes, já que Santa Catarina evidencia-se como estado mais criativo e tem considerável menor população que os outros estados, 7.164.788 habitantes, Rio Grande do Sul possui 11.377.239 e Paraná 11.433.957, somando uma população de 29.975.984 (IBGE, 2019). Comparando a quantidade aos números de habitantes, Santa Catarina se revela mais eloqüente ao deter porcentagem de 31,98% de profissionais criativos, Paraná 19,99% e Rio Grande do Sul, 17,62%.

Sobre a existência de Economia Criativa nas capitais desses estados, a devida ordem é Curitiba (7.231), seguida de Porto Alegre (4.598) e Florianópolis (2.399), o que corresponde a disposição da quantidade de habitantes, de modo recíproco, a primeira com 1.751.907 habitantes, a segunda com 1.409.351 habitantes e finalizando a capital do estado de Santa Catarina com 421.240 habitantes, em porcentagem, correspondem a 5,87%, 3,73% e 1,94% de presença de Economia Criativa em relação ao total destes profissionais em capitais.

Na região Norte, encontram-se cinco dos oito estados que tem porcentagem menor que 1% de trabalhadores criativos em relação a população total do território brasileiro, alguns deles apresentam dados numéricos com menos de mil profissionais, são eles: Acre (611), Roraima (507) e Amapá (442), o que em nível nacional correspondem respectivamente a 0,19%, 0,16% e 0,14%. Já os que possuem maior parcela são em primeiro lugar, Pará (3.850), seguido do Amazonas (2.901), Rondônia (1.805) e Tocantins (1.405), condizendo em ordem 1,24%, 0,93%, 0,58% e 0,46% da totalidade brasileira e comparado as outras Unidades Federativas são resultados reduzidos.

É importante considerar que estes estados são pouco populosos, com 18.430.980 de residentes, com isso, foi elaborado o quanto esses trabalhadores representam da população de cada Unidade Federativa, no Pará representam 4,47%, no Amazonas 6,99%,



Rondônia 10,15%, Tocantins 9,25%, Acre 6,92%, Amapá 5,22% e em Roraima representam 8,36%.

Entre suas capitais, as mais substanciais são: Manaus (2.664), seguida de Belém (1.606), Porto Velho (661), Palmas (527), Boa Vista (495), Macapá (382) e Rio Branco (447), o que condiz na devida ordem, 2,16%, 1,30%, 0,53%, 0,42%, 0,40%, 0,31% e 0,36%, delas as duas primeiras são consideradas metrópoles, Manaus com 2.219.580 e Belém com 1.499.641 habitantes.

Quanto à distribuição de profissionais criativos no Nordeste do país, Bahia possui 11.644 (3,75%), seguido por Ceará 10.201 (3,28%) e Pernambuco 7.109 (2,29%), já os estados do Rio Grande do Norte 3.285 (1,05%), Paraíba 3.169 (1,02%), Sergipe 3.116 (1,00%) e Piauí 3.101 (0,99%) encontram-se na mesma faixa, por último, Maranhão 2.941 (0,94%) e Alagoas 1.918 (0,61%).

Avaliando a quantidade de trabalhadores com a população, Sergipe possui 13,55% de 2.298.696, Ceará 11,17% de 9.132.078, Piauí 9,47% de 3.273.227, Rio Grande do Norte 9,36% de 3.506.853, Paraíba 7,88% de 4.018.127, Bahia possui 7,82% de 14.873.064, Pernambuco 7,43% de 9.557.071, Alagoas 5,74% de 3.337.357 e Maranhão 4,15% de 7.075.181.

Quando analisadas as capitais do Nordeste, duas sobressaem entre elas, Fortaleza, capital do estado do Ceará, e Recife, capital de Pernambuco, ambas respectivamente tinham 5.836 (4,74%) e 3.433 (2,78%) profissionais de Economia Criativa atuantes em 2019, expressando uma atuação marcante, já que todas as outras (Maceió, Salvador, São Luís, João Pessoa, Teresina, Natal e Aracaju) mantêm-se na faixa entre 1.000 e 2.000 trabalhadores.

Sobre quantidade de profissionais criativos no Centro- Oeste brasileiro, o estado de Goiás é o que apresenta maior quantidade 8.379 (2,69%), posteriormente, Distrito Federal 6.511 (2,09%), Mato Grosso 3.923 (1,26%) e Mato Grosso do Sul 2.804 (0,90%). Quando produzida estatística em relação à população estadual, o Distrito Federal tem 21,59% de profissionais criativos de 3.015.268 pessoas, Goiás 11,93% de 7.018.354, Mato Grosso 11,25% de 3.484.466, Mato Grosso do Sul 10,09% de 2.778.986.

Entre as capitais, o Distrito Federal tem a terceira cidade mais populosa do Brasil, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro, uma metrópole com 6.511 profissionais atuantes na Economia Criativa, seguida de Goiânia (3.848), Campo Grande (1.377) e



Cuiabá (1.326), o que em relação ao total de profissionais criativos no país, representam na sequência 3,12%, 1,11% e 1,07%.

De uma esfera estadual, ordenando a proporcionalidade de presença desses trabalhadores com a população de cada estado, apresenta-se Santa Catarina com 31,98% de profissionais criativos entre sua população, seguido de São Paulo com 22,04%, Distrito Federal com 21,59%, Paraná com 19,99%, Rio Grande do Sul com 17,62% e Rio de Janeiro e Minas Gerias com respectivos 15,30% e 15,04%.

Quando diagnosticado esses dados sob essa ótica, outros estados também apresentam números significativos, Sergipe contém 13,55%, Espírito Santo 13,39%, Goiás 11,93%, Mato Grosso 11,25% e Ceará 11,17%, o restante possui no máximo 10%.

Entre as menores quantidades, estão: Maranhão (4,15%), Pará (4,47%), Amapá (5,22%), Alagoas (5,74%), Acre (6,92%) e Amazonas (6,99%). Desses Pará e Maranhão tem as maiores populações, mas em nível nacional acabam por não ter uma presença tão relevante.

Comparando a distribuição dos profissionais de Economia Criativa nas regiões brasileiras com a disposição deles nas capitais dos estados que as compõem podemos perceber que estão concentrados nas capitais do Sudeste (69.570), em segundo encontram-se nas capitais da região Nordeste (19.458), seguido do Sul (14.228) e depois Centro-Oeste (13.062) e Norte (6.782), somando 123.100 trabalhadores criativos atuando nas capitais do país.

Outros dados considerados nesta pesquisa, é a porcentagem de trabalhadores criativos situados nas capitais em relação ao número absoluto de sua classe nos respectivos estados, que sobre esse ângulo, salienta-se uma hegemonia nos municípios de Boa Vista em Roraima com 97,63%, Manaus no Amazonas com 91,83%, Macapá no Amapá com 86,42% e Rio Branco no Acre, com 73,15% de presença nas capitais, assinalando que no país, a existência destes profissionais nas capitais, se destaca na Região Norte, onde a maior parte da Classe Criativa está nos maiores municípios.

Sobre essa interpretação, percebe-se que os indicadores mesmo com exceções, mostram alta parcela de criatividade nas capitais, enfoque deste estudo. Mas para melhor entendimento, em seguida apresenta-se também a verificação nas capitais de todas as Unidades Federativas do Brasil, seu número de habitantes e as porcentagens em relação a quantidade dos profissionais criativos em cada estado e a porcentagem de sua presença



em relação ao total deles nas capitais das Unidades Federativas do Brasil. Observe o quadro a seguir com as informações obtidas.

Quadro 2- Quantidade de população e distribuição de profissionais criativos nas capitais das Unidades Federativas do Brasil

Unidade Federativa (sigla)	Capital	População	Total de profissionais criativos	% em relação ao total de profissionais criativos em capitais	% em relação à quantidade de profissionais criativos no respectivo estado
AC	Rio Branco	336.038	447	0,36%	73,15%
AL	Maceió	932.748	1.195	0,97%	62,30%
AP	Macapá	398.204	382	0,31%	86,42%
AM	Manaus	1.802.014	2664	2,16%	91,83%
BA	Salvador	2.675.656	1.176	0,95%	10,09%
CE	Fortaleza	2.452.185	5.836	4,74%	57,21%
DF	Brasília	2.570.160	6.511	5,28%	100,00%
ES	Vitória	327.801	1.241	1,00%	23,06%
GO	Goiânia	1.302.001	3.848	3,12%	45,92%
MA	São Luís	1.014.837	1.235	1,00%	41,99%
MT	Cuiabá	551.098	1.326	1,07%	33,80%
MS	Campo Grande	786.797	1.377	1,11%	49,10%
MG	Belo Horizonte	2.375.151	8.474	6,88%	26,61%
PA	Belém	1.393.399	1.606	1,30%	41,71%
PB	João Pessoa	723.515	1.827	1,48%	57,65%
PR	Curitiba	1.751.907	7.231	5,87%	31,62%
PE	Recife	1.537.704	3.433	2,78%	48,29%
PI	Teresina	814.230	1.931	1,56%	62,27%
RJ	Rio de Janeiro	6.320.446	17.050	13,85%	64,54%
RN	Natal	803.739	1.504	1,22%	45,78%
RS	Porto Alegre	1.409.351	4.598	3,73%	22,93%
RO	Porto Velho	428.527	661	0,53%	36,62%
RR	Boa Vista	284.313	495	0,40%	97,63%
SC	Florianópolis	421.240	2.399	1,94%	10,46%
SP	São Paulo	11.253.503	42.805	34,77%	42,28%
SE	Aracaju	571.149	1.321	1,07%	42,39%
TO	Palmas	228.332	527	0,42%	36,19%

Fonte: RAIS e IBGE, 2019.

Entre os que apresentaram os menores índices, Salvador na Bahia e Florianópolis em Santa Catarina, com 10,09% e 10,46%, o que em comparação ao restante das capitais



do Brasil, parecem realmente se revelar como exceção, mas dado ao número de habitantes, caso de Florianópolis, o município não tem a maior população do estado, o que pode indicar ser a razão do baixo número.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo iniciou-se contextualizando a Economia Criativa no período onde tivemos grandes transformações sociais e econômicas, nos preceitos de consumo, tecnologia, instaurando-se a era da informática e uma outra fase do capitalismo global, com conceitos importantes para entendimento desta Nova Economia.

O estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa quantitativa onde foi apresentado a distribuição formal dos profissionais criativos no Brasil, em seus 27 estados e capitais, com números absolutos e porcentagens em relação à população total do país, à população do respectivo estado, e por último, à quantidade de profissionais criativos nas capitais. Os dados em relação a Economia Criativa foram correlacionados com os números de habitantes de cada um desses territórios brasileiros.

Dos apontamentos que se destacaram nesta pesquisa, em relação a população total do Brasil, região Sudeste e Sul sobressairam, os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, representam a maior concentração de Economia Criativa do país, mostrando o Sudeste e Sul do país como territórios prolíferos deste setor.

Quando o assunto são as capitais dos estados brasileiros, a pesquisa mostrou a condensação de profissionais nas metrópoles São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, que juntas somam mais que todas as outras juntas, com a primeira podendo ser considerada o destaque e revelando o Sudeste como a região com maior concentração de profissionais criativos entre suas capitais do Brasil.

No que tange a proporcionalidade de presença desses trabalhadores com a população de cada estado, as maiores concentrações foram Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que com exceção do Distrito Federal, novamente revelam Sudeste e Sul como proeminência.

O desenvolvimento mais coeso é uma questão necessária a ser discutido, principalmente em países semiperiféricos, como o Brasil, que enfrentam desigualdade latente em sua toda sua história. E mesmo alguns autores já debatendo a necessidade da



descentralização e da criação de estratégias, o que percebemos é ainda uma carência de prática neste sentido.

A partir das constatações deste trabalho, as aglomerações parecem realmente prevalecer e em especial, nesta economia onde a criatividade e inovação se beneficiam de onde tenha troca de conhecimento, pois nesta economia temos a centralidade nas pessoas e foi o que tivemos como resultado, esses profissionais concentrando-se em municípios de maiores populações e metrópoles.

Assim, a pesquisa aponta que a Economia Criativa está presente significativamente nos mais populosos estados e capitais do país, indicando aglomerações criativas, desigualdades territoriais e problemas na coesão territorial.

As Unidades Federativas e municípios menos populosos tendem a ficar de fato em desvantagem no desenvolvimento econômico, concentrando capital nos maiores centros urbanos, com isso, a Nova Economia parece revelar a materialização do poder econômico no território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Brasil, 2021. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. IBGE. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<https://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/ocupacao/classificacao-brasileira-de-ocupacoes.html>>. Brasil, 2021. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **RAIS 2019. Relação Anual de Informações Social**. Brasil, 2021. Disponível em: <<http://www.rais.gov.br/sitio/sobre.jsf#amenu>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CASTELLS, M. **A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista**. Cad. CRH, Salvador, (17): 5-34, 1992.

COLBARI, A. **Estratégias institucionais e construções discursivas no campo do desenvolvimento local**. Política & Sociedade, 12(25), 13-40, 2013.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da Informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa: e seu papel na transformação do trabalho, lazer, comunidade e cotidiano**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.



HERSCOVICI, A. O **“capitalismo imaterial”**: Elementos para uma análise (sócio) econômica. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n. 102, p. 129-147, 2015.

LUNDEVALL, A. **Políticas de Inovação na economia do aprendizado**. Parcerias estratégicas, nº 10, 2001.

OLIVEIRA, G. **Nova economia e Território**: um estudo das tecnologias da informação. Sociedade & Natureza. Uberlândia, MG. v.33, E. 56230, 2021.

ONU. UNCTAD. Conferência das Nações Unidas para o Comércio o Desenvolvimento. **Relatório de economia criativa 2010**: economia criativa uma opção de desenvolvimento. São Paulo. Itaú Cultural, 2012.

REIS, A. C. KAGEYAMA, P. **Cidades criativas: perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2008.

RULLANI, E. **El capitalismo cognitivo: un déjà-vu?** Capitalismo cognitivo, propiedad intelectual y creación colectiva, Madrid: Traficantes de Sueños. 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

STORPER, M.; VENABLES, A. **O burburinho: a força econômica da cidade**. In: DINIZ, C; LEMOS, M. Economia e território. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.21-56.